

Luminares Bíblicos

Volume 1

**Aristarco
Ebede-Meleque
Epafras
Micaías**

G. M. Airth

Edições Cristãs

© **Edições Cristãs – Editora Ltda.**

LUMINARES BÍBLICOS - Volume 1

G. M. Airth

1ª edição brasileira: agosto de 1988

2ª edição brasileira: novembro de 2012

Tradução: R. J. A.

Capa: Daniel de Almeida Jané

ISBN: 978-85-7558-106-3

É proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por qualquer meio, sem a permissão por escrito da Editora.

EDIÇÕES CRISTÃS - Editora Ltda.

Caixa Postal 250

19900-970 - OURINHOS - SP - Brasil

Endereço Eletrônico: edicoescristas@uol.com.br

Site: www.edicoescristas.com.br

ÍNDICE

ARISTARCO

companheiro de Paulo

EBEDE-MELEQUE

o amigo oportuno

EPAFRAS

o intercessor incansável

MICAÍAS

a testemunha invencível

ARISTARCO, COMPANHEIRO DE PAULO

**Atos 19.29; 20.4; 27.2;
Colossenses 4.10-11; Filemom 24**

O leitor da história bíblica dos primeiros anos da Igreja encontra nomes de homens e de mulheres que poderiam ser objeto de um estudo bem interessante, além de proveitoso, se houvesse mais dados registrados de sua atuação na Obra do Senhor.

Como gostaríamos de saber mais sobre Dorcas que era “*cheia de boas obras*” (Atos 9.36); de Mnason, o discípulo amigo com quem o apóstolo Paulo se hospedou em Jerusalém (Atos 21.16); de Febe, que ajudou a muitos, como também ao próprio Paulo (Romanos 16.1-2); de Tércio, o amanuense a quem Paulo ditou a carta aos Romanos (Romanos 16.22-23); de Tíquico, o portador das cartas aos Efésios e aos Filipenses (Efésios 6.22-23; Colossenses 4.7-8); de Epafrodito, que levou um donativo dos filipenses a Paulo em sua prisão em Roma e onde ficou extremamente doente (Filipenses 2.25-30) e de muitos outros fiéis servidores de Cristo na época apostólica.

Entre aqueles luminares menores que brilham sobre as páginas do Novo Testamento há um que se destaca um pouco mais que os outros, sendo mencionado mais frequentemente.

É Aristarco, cujo nome significa “o melhor príncipe, o líder”. Talvez ele fosse o melhor daquele grupo seletivo que, ao lado do apóstolo Paulo, serviu ao Senhor com tanta abnegação e valor em dias de muita tribulação, luta e sacrifício.

Certa ocasião, ouvimos um famoso orador e pregador dizer: “Gostaria de algum dia escrever um livro sobre Aristarco. Tenho-o em minha imaginação como um homem nobre, valente, sereno, ficando em pé atrás do apóstolo Paulo, pronto a animar o apóstolo a permanecer em pé, caso este estivesse pronto a bater em retirada”.

Nós não podemos crer que o apóstolo se acovardaria jamais onde outros tivessem valor para enfrentar o inimigo, mas estamos

perfeitamente de acordo com aquele pregador em relação ao caráter sólido, leal e firme do bom Aristarco.

Parece-nos que era fiel em qualquer emergência crítica e que nunca vacilava em expor sua vida por causa dos irmãos, marca que deveria caracterizar os verdadeiros filhos de Deus, conforme afirma o apóstolo João em 1ª João 3.16: “*Nisto conhecemos o amor, em que Cristo deu a Sua vida por nós e devemos dar a nossa vida pelos irmãos*”.

Aristarco surge pela primeira vez em hora de grande crise e de grave perigo para o apóstolo Paulo. De acordo com Atos 19, um tal de Demétrio, que era ourives, tinha incentivado um motim na cidade de Éfeso para acabar, se fosse possível, com a pregação do Evangelho naquela cidade, pois que a pregação contra o comércio e uso de imagens por parte dos pregadores do Evangelho se fazia sentir na diminuição das vendas das pequenas imagens fabricadas por Demétrio e por seus companheiros de profissão.

No versículo 29 do referido capítulo se lê que “*a cidade foi tomada de confusão e todos à uma arremeteram para o teatro, arrebatando os macedônios Gaio e Aristarco, companheiros de Paulo*”. Sem dúvida, os fanáticos manifestantes queriam era pegar a Paulo, mas, não o encontrando, carregaram dois dos seus companheiros.

É bem possível que estes, vendo o perigo em que estava seu amado Paulo, prestes a sofrer uma morte horrível nas mãos da turba irada, voluntariamente se tenham exposto para serem levados ao teatro em lugar de Paulo, confiando, no entanto, no poder de Deus para protegê-los.

Se assim foi, bem podemos imaginar como teria ficado profundamente comovido o coração do apóstolo por um ato tão nobre e sacrificial, fruto do amor fraterno e cristão. Não é de estranhar que Paulo quisesse entrar naquela “cova de leões” vorazes a fim de conseguir a libertação de seus amigos e colaboradores; só desistiu de seu propósito pelos rogos insistentes dos discípulos e pelos argumentos insistentes dos principais personagens da Ásia (vv. 30-31).

De Atos 20.4 aprendemos que Aristarco era natural de Tessalônica, aquela cidade onde, em meio à maior perseguição, Paulo tinha pregado o Evangelho e lançado os alicerces de uma igreja exemplar. Aristarco, pois, tinha nascido e crescido na vida cristã em um ambiente de violenta oposição, circunstância que tinha contribuído muito a fazer dele um homem firme, resoluto e forte, pronto a enfrentar os inimigos e perigos, assim como fez em Éfeso, onde sua fé e amor foram honrados por Deus, que fez acalmar a multidão enfurecida e o preservou da morte.

Em Atos 20.4, já citado, encontramos os nomes de muitos outros irmãos, pertencentes a vários locais da Macedônia e da Ásia, que

acompanharam a Paulo em sua última viagem rumo a Jerusalém. Estes homens eram representantes de diferentes esferas do trabalho do apóstolo e, conforme a opinião de muitos dos mais distintos expositores da Bíblia, certamente eles eram portadores das contribuições de suas respectivas igrejas para os crentes judeus em Jerusalém.

Destas coletas fala-se frequentemente nas epístolas de Paulo e entendemos que o propósito que Paulo tinha em mente ao solicitar a ajuda daquelas igrejas não era simplesmente o de aliviar as necessidades temporais dos santos pobres na capital judaica, mas principalmente tratar de amolecer os corações dos irmãos judeus que se tinham mostrado apreensivos com a conversão dos gentios.

O apóstolo anelava conseguir, por meio desta generosa expressão de amor fraterno por parte dos crentes gentios, fechar a brecha e efetuar uma reconciliação e uma união verdadeira entre os dois setores antagônicos da Igreja do Senhor. É aconselhável ler as Escrituras a respeito em Atos 24.17; Romanos 15.25-31; 1ª Coríntios 16.1-4; 2ª Coríntios capítulos 8 e 9.

Entre os irmãos que acompanharam a Paulo em sua missão de amor e de esperança encontramos Aristarco que, juntamente com Secundo, levava a contribuição da igreja em Tessalônica. Vê-se, pois, que Aristarco era um irmão de destaque, de caráter irreprovável e de grande honradez. As finanças da Igreja primitiva não eram confiadas a homens de medíocre qualidade espiritual; antes, pelo contrário.

As exigências apostólicas para a igreja em Jerusalém, sem dúvida, foram feitas extensivas às demais; os que tinham a responsabilidade das ofertas tinham que ser homens de bom testemunho, cheios do Espírito Santo e de sabedoria, homens da qualidade espiritual de Estêvão e de Filipe (Atos 6.3, 5).

Nunca devemos perder de vista que os fundos da igreja pertencem a Deus. Aquele que ainda está *“sentado perante a arca das ofertas”* vê como e quando cada um contribui, conhece os sacrifícios que representam as ofertas dos santos pobres, como também sabe como e onde elas são distribuídas. É, pois, uma responsabilidade sagrada e solene a que pesa sobre os irmãos que administram as finanças do Senhor. Por isso, deveriam ser homens de honradez indiscutível, assim como Aristarco.

Que capítulo interessante é Atos 27! Nele encontramos o emocionante relato da acidentada viagem que Paulo fez a Roma e vemos que dois homens compartilharam com ele os perigos das tempestades tumultuosas; eram dois homens mui amados por Paulo, cujos anelos e ideais coincidiam em tudo com os seus. Um destes companheiros era Aristarco e o outro era o amado médico Lucas, que escreveu o relato comovedor.

Lembrando-nos que Aristarco tinha viajado junto com Paulo a Jerusalém e que este tinha estado ali bem poucos dias antes de ser preso e trasladado para Cesareia, parece-nos que o fiel Aristarco o tenha acompanhado a esta cidade. Depois, dois anos mais tarde, quando o apóstolo teve que iniciar, a partir daquele porto, a sua histórica viagem para Roma, aquele homem devotado resolveu acompanhá-lo.

O Antigo Testamento conta-nos a história linda e comovedora do profundo afeto e amizade sacrificial que Jônatas mostrou em relação a Davi. Mas, no fim, Jônatas escolheu permanecer no palácio enquanto seu amigo Davi saiu para sofrer, durante anos, perseguições e amarguras no deserto (1º Samuel, capítulos 18 a 20).

O amor de Aristarco para com Paulo não é tão cantado como o de Jônatas, mas parece-nos que não era menos forte nem menos digno de ser cantado. Aristarco não se amedrontou diante dos perigos e das privações da longa viagem por mar, seu amor tão constante e leal o constrangeu a ir “todo o caminho” com o apóstolo a fim de atender carinhosamente as necessidades do valoroso veterano, já debilitado e extenuado por longos anos de dura luta pela causa do Senhor. *“Em todo tempo ama o amigo e na angústia se faz o irmão”*. É o que diz Provérbios 17.17. E tal amigo e tal irmão era Aristarco.

Mais tarde, desde a sua prisão em Roma, *“o prisioneiro do Senhor”* ditou muitas cartas aos cristãos em muitos lugares, das quais quatro têm chegado a nós através do Novo Testamento: as epístolas aos Efésios, Filipenses, Colossenses e a Filemom.

As duas últimas trazem as saudações fraternais de muitos queridos irmãos citados pelo seu nome. Em Colossenses 4.10, lemos: *“Saúda-vos Aristarco, prisioneiro comigo”* e o apóstolo, após mencionar Marcos e Justo, continua dizendo: *“Os quais são os únicos da circuncisão que cooperam pessoalmente comigo pelo reino de Deus. Eles têm sido o meu lenitivo”*.

Evidentemente, os judeus convertidos e que moravam em Roma também tinham receio de Paulo porque este negava-se a impor a crentes convertidos de entre os gentios a obrigação de guardar a Lei e deduzimos do versículo citado que só aqueles três lhe prestavam uma leal cooperação na obra do Senhor. Se a atitude dos irmãos incrédulos segundo a carne causou a Paulo *“grande tristeza e incessante dor no coração”* (Romanos 9.2), quanto mais tristeza e dor lhe causou a oposição dos irmãos convertidos de entre os judeus.

Esta circunstância dá um significado todo especial ao que o apóstolo diz em relação a Aristarco e seus dois companheiros: *“Eles são meu lenitivo”* (Colossenses 4.11). O apóstolo usou a palavra *“lenitivo”* com bastante frequência em suas cartas, mas unicamente aqui

empregou a palavra grega “*paregoria*”, que é derivada de uma palavra que recebem os remédios calmantes que aliviam e mitigam as dores irritantes.

Paulo, pois, disse que a amizade leal e inquebrantável de Aristarco era-lhe como um elixir paregórico, isto é, um bálsamo suavizante, que lhe aliviava muito a dor que sentia. Sua colaboração fiel e sua adesão firme à verdade atuavam como “*o azeite e vinho*” com que o bom samaritano tratou das feridas do homem que caiu nas mãos dos ladrões.

É evidente, pois, que Aristarco não era um dos que creem no ditado que diz “*Vox populi, vox Dei*” (Voz do povo, voz de Deus) e, portanto, não se deixava levar pela opinião da maior parte de seus patrícios convertidos, por mais plausíveis que fossem os argumentos contra a atuação de Paulo em relação à Lei e ao rito da circuncisão.

Aristarco nada sabia de vacilações, suas convicções eram inalteráveis e nunca cedeu frente aos legalistas, nem por um momento sequer, para que a verdade do Evangelho permanecesse com os amados santos de origem gentia. Que feliz era o apóstolo em ter o apoio de um irmão de têmpera tão cristã!

Nosso Senhor Jesus Cristo procura amigos do mesmo porte. Quando Ele se dirigiu ao Jardim do Getsêmani para orar a Seu Pai, levou consigo os três discípulos mais achegados, para que estes Lhe proporcionassem algum “lenitivo” naquela noite negra e fatal. Mas, ah!, eles falharam e, em vez de dar-Lhe um “lenitivo”, se transformaram, por causa da sua sonolência e indiferença, em um agravante da Sua dor. O Senhor, em Sua infinita graça, nos chama de Seus amigos, mas será bom que nos perguntemos: Que tipo de amizade Lhe proporcionamos?

Finalmente, em Filemom, versículo 23, lemos: “*Saúdam-te Epafras..., Marcos, Aristarco, Demas e Lucas, meus cooperadores*”. Aristarco era um cooperador tão leal do veterano apóstolo que chegou a compartilhar com ele a vida de prisioneiro a fim de poder servi-lo (Colossenses 4.10).

Que cooperador constante Aristarco chegou a ser, através dos anos! Ele tinha acompanhado o apóstolo, passando, de bom grado e com gozo, por perseguições, perigos, prisões e necessidades a fim de ajudar ao incansável pregoeiro do Evangelho.

Até ao fim, Aristarco andou, sem vacilar, pela senda do dever com um altruísmo singular e um amor sacrificial raras vezes superado.

Que homem digno de ser imitado!

.oOo.

EBEDE—MELEQUE, O AMIGO OPORTUNO

Jeremias 38.7-13; 39.15-18

O pecado do povo de Judá tinha chegado ao cúmulo e a longanimidade divina não podia suportá-lo mais. O juízo divino estava prestado a cair sobre os moradores de Jerusalém, que já estava sitiada pelos exércitos do rei Nabucodonosor.

Veza após veza, com persistência tenaz, o fiel e denodado profeta Jeremias tinha admoestado o rei e o povo acerca do juízo que estava para vir. Com que fervor os tinha exortado ao arrependimento, sem, no entanto, conseguir mudar sua atitude rebelde. Finalmente, por causa do seu testemunho fiel, o nobre mensageiro de Deus foi lançado ao cárcere.

Os príncipes da nação, incomodados por suas contínuas advertências, tinham-se dirigido ao rei Zedequias e lhe tinham dito: *“Morra este homem... porque este homem não procura o bem-estar para o povo e sim, o mal”* e depois, com a autorização do rei, *“tomaram então a Jeremias e o lançaram na cisterna de Malquias, filho do rei, que estava no átrio da guarda; desceram a Jeremias com cordas. Na cisterna não havia água, senão lama; e Jeremias se atolou na lama”* (Jeremias 38.4-6).

Este é o pano de fundo sobre o qual o Espírito Santo pintou o caráter luminoso de Ebede-Meleque, cujo nome quer dizer “o servo do rei”. Era um servo do rei Zedequias, mas foi também um servo de um Rei superior, do Rei dos reis. Este homem se destaca por

SUA CONFIANÇA

em Deus, apesar do horrível ambiente de impiedade e de rebelião que o rodeava. *“Confia-te em mim”*, disse Deus a seu respeito (Jeremias 39.18). Que testemunho precioso! *“Sem fé é impossível agradar a Deus”* (Hebreus 11.6) e Ele Se deleita no homem que resolutamente confia nEle, mesmo que esteja rodeado de circunstâncias que queiram impedir uma vida piedosa, no homem que permanece fiel ainda que todo o mundo tenha virado as costas para o seu Criador.

Não há circunstâncias, por mais adversas e difíceis que sejam, nas quais o homem de Deus não possa confiar nEle e honrá-lo. Por exemplo, quem acreditaria que um santo pudesse viver naquele

ambiente de corrupção e de abominações que era a corte do degenerado e idólatra rei Acabe?

No entanto, ali mesmo estava Obadias, o qual *“temia muito ao Senhor”*, arriscando-se dia após dia a receber a ira cruel da infame rainha Jezabel, a fim de poder socorrer os profetas de Deus a quem ela queria matar. *“Quando Jezabel exterminava os profetas do Senhor, Obadias tomou cem profetas, e de cinquenta em cinquenta os escondeu numa cova e os sustentou com pão e água”* (1º Reis 18.3-4).

Que estes dois casos sirvam de ânimo aos jovens crentes que se encontram rodeados de tentações carnis ou da hostilidade dos incrédulos. O que quer ser fiel, pode ser fiel porque Deus é fiel e fortalecerá mais e mais aos que confiam nEle.

Em relação a Ebede-Meleque, devemos notar

SUA COMPAIXÃO

numa época notória por seu desapiedado sadismo (vv. 7-8). Quando ele ficou sabendo que Jeremias tinha sido lançado naquela horrível e escura masmorra, imediatamente sentiu uma profunda compaixão pelo fiel servo de Deus.

A masmorra era uma cisterna funda cuja água se tinha esgotado durante o cerco da cidade, ficando no fundo uma certa quantidade de lama na qual o profeta afundava, impotente e em perigo de morrer, que era precisamente o que os seus inimigos queriam.

No velho continente existem muitas masmorras feitas em forma de uma garrafa subterrânea. Este escritor nunca se esquecerá da terrível sensação que sentiu ao visitar uma destas masmorras no porão de um antigo castelo, onde só Deus sabe quantas vítimas infelizes foram atiradas, sofrendo ali sem que houvesse uma mão compassiva para dar-lhes o menor alívio.

Por ódio ou por vingança os adversários do profeta tinham conseguido o seu aprisionamento na masmorra de Malquias, querendo que morresse solitariamente em seu leito de barro sujo. Mas no palácio real havia um homem cujo coração foi tocado pela misericórdia, assim como centenas de anos mais tarde foi tocado pela misericórdia o coração de um desprezado samaritano.

A compaixão de Ebede-Meleque brilha qual luminária em meio às tenebrosas atividades dos maus príncipes da casa real. Ele não pôde permanecer indiferente diante da imperiosa necessidade do injustiçado servo de Deus. Sua compaixão não era uma atitude passiva ou de meras palavras, como tantas vezes costuma acontecer entre nós, os que professamos ser discípulos dAquele que, sempre que via os aflitos ou as multidões desorientadas, era movido pela compaixão que se refletia em ações carinhosas de ajuda oportuna.

Assim é que este homem de Deus recorreu ao próprio rei Zedequias para conseguir a libertação de Jeremias. Foi uma atitude que exigia muito valor. Notemos, pois,

SUA CORAGEM

(vv. 8-9). A Ebede-Meleque não lhe seria fácil apresentar-se perante o rei Zedequias para rogar-lhe a favor da vida do profeta. Era um simples servidor do rei e, provavelmente, bastante desprezado porquanto era um etíope, um homem de cor.

Para um homem de origem humilde e de baixa posição era um atrevimento muito grande intervir pessoalmente a favor de Jeremias, tendo em conta a posição adversa da parte dos poderosos príncipes. Certamente, era necessário bastante valor, mas ele o fez!

Onde Ebede-Meleque conseguiu esta coragem admirável? Sem dúvida, Deus mesmo o encheu de força como resposta aos rogos de Seu servo encarcerado na masmorra, uma vez que Jeremias sabia a Quem devia recorrer em tais circunstâncias. *“Deus é o nosso refúgio e fortaleza, socorro bem presente nas tribulações”* (Salmo 46.1). *“Esperei confiantemente pelo Senhor; Ele Se inclinou para mim e me ouviu quando clamei por socorro. Tirou-me de um poço de perdição, dum tremedal de lama”* (Salmo 40.1-2).

Com que intensidade viriam à memória do profeta estes testemunhos alentadores do salmista e com que ânsia e fé terá clamado ao Deus que ampara os Seus. Nenhum clamor seu poderia amolecer os corações de seus cruéis carcereiros, da mesma maneira como tinha experimentado o pobre jovem José quando seus irmãos o lançaram numa cisterna (Gênesis 42.21).

Mas os seus clamores alcançaram Aquele que mora nos céus e Este moveu o coração de Ebede-Meleque para socorrê-lo, dando-lhe, ao mesmo tempo, a coragem necessária para agir a seu favor.

Podemos imaginar como o bom etíope também deve ter orado fervorosamente a Deus, pedindo-Lhe ajuda e sabedoria para o empreendimento perigoso que iria expô-lo à vingança dos príncipes e, talvez, à ira do caprichoso déspota Zedequias.

Após seu livramento, Jeremias deve ter dito de Ebede-Meleque o mesmo que, mais tarde, Paulo disse, com gratidão, de Onesíforo: *“Não se envergonhou das minhas prisões”* (2ª Timóteo 1.16).

Quão feliz é o homem que tem um amigo disposto a enfrentar a morte para salvar a sua vida! Tal homem foi Jeremias e tal amigo foi Ebede-Meleque. Que tipo de amizade oferecemos nós a nossos irmãos?

Os exemplos de Ebede-Meleque, de Priscila e Áquila (Romanos 16.4) e, acima de tudo, do Senhor Jesus deveriam despertar em nós

mais amor, compaixão e coragem cristãos. *“Cristo deu a Sua vida por nós e devemos dar a nossa vida pelos irmãos”* (1ª João 3.16).

A fé e a atitude resoluta do etíope resultou em

SUA COMISSÃO

da parte do rei: *“Toma contigo daqui trinta homens e tira da cisterna o profeta Jeremias, antes que morra”* (Jeremias 38.10). Quão abundantemente foram respondidas as orações do profeta e de Ebede-Meleque! *“Como ribeiros de águas, assim é o coração do rei na mão do Senhor; Este, segundo o Seu querer, o inclina”* (Provérbios 21.1).

Certamente Deus tinha inclinado o coração duro e rebelde de Zedequias para conceder mais do que a simples petição fervorosa e urgente do seu servo preto, mas nobre. Com que alegria este recebeu a comissão do rei para pôr em liberdade o profeta afligido e qual não seria sua surpresa ao receber também uma escolta de trinta homens para ajudá-lo em sua atitude humanitária e poder defendê-lo dos adversários que quisessem impedir seu trabalho de amor.

Realmente, Deus *“é poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos”* (Efésios 3.20). Assim Deus fez com este humilde servo Seu e assim fará com todo cristão que ora com sincera fé.

Há outra lição que Ebede-Meleque nos ensina. Convém aprender algo sobre

SUA CONSIDERAÇÃO

pelo profeta, ao prover-se de trapos velhos. *“Foi à casa do rei, por debaixo da tesouraria, e tomou dali umas roupas usadas e trapos, e os desceu a Jeremias na cisterna por meio de cordas. Disse Ebede-Meleque, o etíope, a Jeremias: Põe agora estas roupas usadas e estes trapos nas axilas, calçando as cordas”* (vv. 11-12). Tratava-se de um ato de muita consideração para com o prisioneiro. Devemos aprender com este humilde homem como prestar auxílio aos que necessitam de ajuda.

Não é suficiente ajudá-los de maneira superficial ou formal; é bem mais alentador para o socorrido (e Deus o considera muito mais) quando o fazemos com ternura e com a gentileza de Cristo. Não é o que fazemos, mas como o fazemos, que dá valor a um ato benemérito e põe em evidência o caráter espiritual do auxiliador.

No caso de Jeremias, muitos homens se teriam apressado em chegar à masmorra apenas com as cordas, mas a poucos teria ocorrido o pensamento de levar trapos para o prisioneiro pôr nas axilas onde as cordas o puxariam, para lhe mitigar as dores. A consideração cristã é uma virtude rara em nosso meio nestes dias. Quanto mais consideração

mostremos em nosso relacionamento uns com os outros, tanto mais parecidos seremos com nosso Senhor em Quem esta qualidade era tão pronunciada.

A preciosa verdade enunciada pelo escritor da carta aos Hebreus em 6.10 se vê manifesta na experiência de Ebede-Meleque porque Deus não Se esqueceu da obra e do trabalho de amor que este nobre homem realizou ao ajudar ao Seu fiel servo Jeremias.

Com que prazer, pois, lemos a respeito, de

SUA CONSOLAÇÃO e SUA COMPENSAÇÃO

em Jeremias 39.15-18. Ebede-Meleque tinha crido na palavra de Jeremias em relação à destruição de Jerusalém e, naturalmente, teve medo de cair nas mãos dos babilônios, cuja crueldade era bem conhecida.

O infeliz rei Zedequias teve que experimentar a ferocidade do inimigo quando, após a queda da cidade, seus filhos foram degolados perante os seus olhos e, depois, estes lhe foram tirados, antes de empreender, carregado de correntes, o longo e doloroso caminho do cativeiro na Babilônia (Jeremias 39.6-7).

Mas que consolação experimentou o bom servo etíope quando ouviu a mensagem que Deus lhe enviara por intermédio de Jeremias, prometendo-lhe Sua proteção: *“A ti, porém, Eu livrarei naquele dia, diz o Senhor, e não serás entregue nas mãos dos homens, a quem temes... porquanto confiaste em Mim”*.

Deus conhece os Seus que são fiéis, mesmo no meio de um ambiente pecaminoso e rebelde; conhece seus temores, suas provações, seus anelos e também suas obras de amor. Assim aconteceu com Ebede-Meleque quando, finalmente, chegou sobre Jerusalém e seus ímpios habitantes a catástrofe predita por Jeremias, pois o homem que tirou a Jeremias da masmorra foi socorrido por Deus e livrado de uma morte cruel.

“Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia” (Mateus 5.8).

.oOo.

EPAFRAS, O INTERCESSOR INCANSÁVEL

Colossenses 1.7-8; 4.12-13; Filemom 23

Aproximadamente pelo ano 55 ou 56 de nossa era cristã podia ser visto um certo dia um grupo de pessoas que andava os duzentos quilômetros de estrada poeirenta e ondulada que unia a cidade de Colossos com a afamada Éfeso, cujo templo dedicado ao culto de Diana era de fama mundial.

Aqueles viajantes, provenientes de Colossos, tinham ouvido coisas estranhas acerca de um homem que estava causando um alvoroço entre os efésios idólatras que criam que a imagem de uma deusa tinha caído do céu. Este forasteiro pregava a respeito de um Deus que era, segundo o pregador, muito superior a Diana porque não só tinha descido do céu, mas, após ter sofrido uma morte cruel aqui, tinha voltado para o céu onde agora estava entronizado na glória.

Por causa disto, estas pessoas, movidas pela curiosidade, estavam a caminho de Éfeso para conhecerem esta nova religião tão estranha. Após vários dias de viagem exaustiva, chegaram a Éfeso e logo acharam o local da pregação. Escutaram admirados a doutrina de Jesus, de Quem Paulo afirmava ser o Salvador da humanidade, deixando que os homens O crucificassem, mas, triunfando sobre a morte, e ressuscitando e voltando para o céu à destra do Pai, de onde agora Ele dava o perdão dos pecados a todos quantos cressem nEle.

A mensagem tão sublime cativou os corações daquelas pessoas que tinham vindo a Éfeso e, pelo menos, uma delas, um tal de Epafras, decidiu permanecer mais algum tempo para sentar-se, qual discípulo, aos pés do mestre Paulo, para aprender tudo quanto pudesse acerca deste glorioso Evangelho.

Depois, Epafras voltou para a sua cidade natal cheio de um fervoroso desejo de anunciar estas boas novas a seus concidadãos pagãos.

Foi assim, provavelmente, que o Evangelho chegou a Colossos, onde logo se converteram algumas almas a Cristo e se formou uma igreja que costumava reunir-se na casa de um irmão mais abastado chamado Filemom (Filemom 2).

Não afirmamos que tais tenham sido literalmente os acontecimentos ou circunstâncias que precederam o nascimento da igreja dos colossenses; temo-nos valido um pouco da nossa imaginação para sugerir que foi mais ou menos assim, pois podemos deduzir de Colossenses 2.1 que o próprio Paulo nunca tinha pregado entre eles. E provavelmente de uma maneira parecida é que *“todos os habitantes da Ásia ouviram a Palavra do Senhor”* (Atos 19.10).

O primeiro amor dos convertidos a Cristo foi uma força impulsora que os moveu a levar a mensagem de salvação a outras

almas necessitadas, quer vivessem perto ou longe. Que bom seria se houvesse hoje em dia mais deste santo fervor, a fim de mais espalharmos o Evangelho e ganharmos almas para o Senhor!

As referências bíblicas a Epafras são bem escassas, mas são suficientes para revelar o seu caráter interessante e verdadeiramente nobre. O apóstolo Paulo escreveu dele com palavras de muito afeto e apreciação nas cartas que, desde a sua prisão em Roma, enviou à igreja dos colossenses e ao já citado membro da mesma, Filemom.

Nestas Cartas, Paulo o chama de “*servo de Cristo*” e o elogia por seu consagrado ministério espiritual. Vejamos o que disse dele.

Em primeiro lugar, falou de

SEU MINISTÉRIO PARTICULAR PARA SI MESMO.

Chamou-o de “*nosso amado conservo*” e de “*prisioneiro comigo*” (Colossenses 1.7; Filemom 2-3), expressões que manifestam o espírito altamente altruísta que animava Epafras.

Parece que este, ao ficar sabendo que seu amado pai espiritual tinha sido levado preso para Roma, voluntariamente deixou seu lar com todas as suas comodidades e talvez a própria esposa e filhos afetuosos, para compartilhar com ele as dificuldades de sua prisão a fim de atender as suas necessidades em circunstâncias tão aflitivas.

“*Prisioneiro comigo*” não quer dizer ao pé da letra que Epafras estava preso também, pois Paulo vivia em uma casa alugada (Atos 28.30), embora dia e noite estivesse preso com cadeias a um soldado romano que o vigiava. Naquela casa este bom homem atendia carinhosamente, assim como também outros irmãos fiéis, ao veterano servo de Cristo e quanto consolo sua presença proporcionava a este! Tal ministério para com os irmãos em aflição é muito necessário.

Há muitos queridos irmãos em Cristo que precisam de cuidados, tanto espirituais quanto materiais, mas são muito raros os bons samaritanos que se entregam a este serviço de uma maneira sacrificial. Que bênção haveria na igreja se todos os crentes se interessassem pessoalmente pelos irmãos em aflição, atendendo-os com amor e abnegação!

Falando de Epafras, o apóstolo também mencionou

SEU MINISTÉRIO PESSOAL AOS COLOSSENSSES.

“*Quanto a vós, um fiel ministro de Cristo, o qual também nos relatou do vosso amor no Espírito*” (Colossenses 4.7-8). Epafras tinha informado Paulo do progresso da obra entre os colossenses, de sua fé em Cristo

Jesus e de seu amor para com todos os santos (1.4-6). E como transbordou de gozo o coração do apóstolo ao ouvir notícias tão animadoras!

Há aqueles que costumam falar das faltas de seus irmãos e deixam de citar as suas boas qualidades. Falar constantemente de faltas leva ao pessimismo, mas quanto mais pensamos e falamos do amor dos santos, tanto mais amor recíproco isto provoca e mais otimismo inspira.

Epafras era um colossense (4.10) que tinha falado a seus conterrâneos da Palavra de Deus e se tinha dedicado ao serviço de Deus entre seus irmãos na fé; certamente ensinando a Palavra, visitando os doentes, animando os fracos. Em tudo era um fiel ministro de Cristo a favor deles.

Infelizmente, nem todos os que têm recebido dons do Espírito são fiéis no uso dos mesmos. A fidelidade é um requisito indispensável em quem quer servir ao rebanho de Deus. *“O que se requer dos despenseiros é que cada um deles seja encontrado fiel”* (1ª Coríntios 4.2). Só um servo fiel pode conseguir que outros sejam também fiéis (1ª Timóteo 4.12; 2ª Timóteo 2.2).

Em certo sentido, todos os crentes são despenseiros. É o que aprendemos de 1ª Pedro 4.10-11: *“Servi uns aos outros, cada um conforme o dom que recebeu, como bons despenseiros da multiforme graça de Deus”*. Cada um recebeu alguma coisa para ser utilizada em benefício dos outros e para a glória de Deus. E Deus requer que nós sejamos FIÉIS. Somos, de fato, fiéis? Somos fiéis à Pessoa e à Palavra do Senhor? Somos fiéis vigiando pelo bem-estar do rebanho de Deus? Somos fiéis, como Gaio, naquilo que fazemos para os irmãos, mesmo quando são estrangeiros? (3ª João 5). *“O dia o demonstrará”*. Quando vier o Senhor, Ele mesmo *“manifestará os designios dos corações e então cada um receberá o seu louvor da parte de Deus”* (1ª Coríntios 3.13; 4.5). Se vivemos e trabalhamos tendo aquele dia sempre presente, certamente seremos mais fiéis em tudo.

O apóstolo citou um assunto especial no qual se destacava a fidelidade de Epafras:

SEU MINISTÉRIO

SACERDOTAL DE INTERCESSÃO

perante o trono da graça: *“O qual se esforça sobremaneira, continuamente, por vós, nas orações, para que vos conserveis perfeitos e plenamente convictos em toda a vontade de Deus”* (Colossenses 4.12).

A palavra *“se esforça”* não expressa bem a força e o sentido da palavra grega *“agonizomai”* usada no original. É uma palavra que ocorre nove vezes em o Novo Testamento, algumas das quais as citamos a

seguir: *“Todo atleta em tudo se domina”* (1ª Coríntios 9.25); *“Esforçando-me o mais possível, segundo a Sua eficácia que opera eficientemente em mim”* (Colossenses 1.29); *“Combate o bom combate da fé”* (1ª Timóteo 6.12); *“Na luta contra o pecado, ainda não tendes resistido até ao sangue”* (Hebreus 4.12), onde a palavra é traduzida por *“se domina”, “esforçando-me”, “combate” e “resistido”*.

E com que solenidade se reveste esta palavra cuja raiz é usada em referência ao Senhor em Sua oração no Jardim do Getsêmani: *“E, estando em agonia, orava mais intensamente. E aconteceu que o Seu suor se tornou como gotas de sangue caindo sobre a terra”* (Lucas 22.44). É a palavra *“agonia”*. É uma palavra que fala de luta intensa e contínua, como a de um soldado ou de um atleta que empenha todas os seus esforços e energias num esforço tenaz e persistente para conseguir a vitória.

“Se esforça sobremaneira, continuamente, por vós, nas orações”. Que fervor, que intensidade em suas orações a favor dos cristãos em Colossos! Este irmão não ignorava as ciladas do diabo contra eles, nem o poder dos adversários espirituais do povo de Deus (Efésios 6.11-12) e resolutamente entregava-se, dia após dia, a uma luta renhida contra eles, clamando a Deus de todo o seu coração para que os colossenses fossem preservados do erro e mantidos firmes e completos em toda a vontade Sua.

Um dos mais destacados expositores bíblicos do século dezanove, que era ao mesmo tempo um grande homem de oração, o dr. Alexander White, em seu livro *“Senhor, ensina-nos a orar”* descreve um homem orando da seguinte maneira: *“Olhem.., aquele homem de oração continua de joelhos. Está “lutando” de joelhos. Não vejo ali nenhum inimigo. Não há ninguém perto dele que eu veja; no entanto, está lutando como um valente. O que ele está fazendo com tanta luta? O que está fazendo? Não sabem o que está fazendo? Ele está movendo céus e terra. Está removendo montanhas. Está atirando esta e aquela montanhas ao mar. Sim, está lutando de fato! Ora está lutando com Deus, ora com o homem, ora com a morte, ora com o inferno. Olhem! O dia amanhece e ele continua em seu lugar de oração... que excesso, que liberdade, que êxito, que ocupação magnífica tem ele, posto que tem sido feito um Rei e um Sacerdote para Deus”*.

Em nossos dias é de lamentar por todos os lados a terrível escassez de verdadeiros homens de oração, homens que realmente dediquem tempo e talentos ao ministério tão importante da intercessão, homens que lutem com Deus e que Lhe digam, como o patriarca de outrora: *“Não Te deixarei ir, se não me abençoares”* (Gênesis 32.26). Quanta bênção teríamos na obra de Deus se houvesse um Epafras em cada

igreja! E que maravilhosas reuniões de oração teríamos se cada suplicante fosse um Epafras!

Finalmente, notemos que Paulo testemunhou de

SEU MINISTÉRIO EM GERAL PARA TODOS OS SANTOS.

“E dele dou testemunho de que muito se preocupa por vós, pelos de Laodiceia e pelos de Hierápolis” (Colossenses 4.13).

Epafras via além da circunscrição de sua própria igreja local. Em seu coração alargado cabiam os irmãos de outras igrejas locais também. Tinha muito zelo, não apenas por seus queridos irmãos de Colossos, mas também pelos da igreja em Laodiceia. Será que já estariam manifestando-se nesta igreja os primeiros sintomas daquela condição de mornidão que, mais tarde, o Senhor pessoalmente teve que repreender? (Apocalipse 3,14-16).

Se assim foi, podemos imaginar com que intensidade este homem de oração deve ter suplicado a Deus por eles. Além disso, podemos imaginar que na primeira oportunidade Epafras iria visitá-los a fim de animá-los a permanecerem no amor de Deus. Enquanto isso, em seu afã de bem-estar espiritual, conseguiu que Paulo lhes escrevesse uma carta para preveni-los contra os que os visitavam pregando doutrinas errôneas de *“outro evangelho”* (Colossenses 4.16).

Epafras — que nome significativo! Quer dizer “agradável”. O que ele era quanto ao seu nome o era também na realidade: agradável a seus irmãos, a Paulo e a Deus. Todo crente deveria ter este desejo. Era o desejo de Paulo: *“É por isso que nos esforçamos, quer presentes, quer ausentes, para Lhe ser agradáveis”* (2ª Coríntios 5.9) e era também o de Enoque: *“Antes de sua trasladação, obteve testemunho de haver agradado a Deus”* (Hebreus 11.5).

Queira Deus imprimir o caráter amoroso e generoso de Epafras sobre cada leitor para que seja como ele: sacrificial em seu serviço, fiel em seu ministério, fervoroso e constante na oração, com um grande coração para abranger todos os santos e em todas estas coisas ser agradável a Deus.

.oOo.

MICAÍAS, A TESTEMUNHA INVENCÍVEL

1º Reis 22.1-28; 2º Crônicas 18.1-27

Assim como um meteoro aparece repentinamente com luz fulgurante no escuro céu noturno para logo depois perder-se de vista, o profeta Micaías apareceu momentaneamente no firmamento da história bíblica, mas deixou em seu rastro raios tão brilhantes que sua luz perdura até os nossos dias.

O fundo escuro que fez resplandecer sua luz com um brilho tão intenso se encontra em 1º Reis capítulo 22 e em 2º Crônicas capítulo 18.

Nestes capítulos lemos da aliança que Josafá, o piedoso rei de Judá, tinha feito com Acabe, o rei apóstata de Israel, para guerrear contra a Síria, a fim de recuperar uma cidade que estes tinham arrebatado.

Esta aliança incompatível deixou inquieto o coração de Josafá, de maneira que este suplicou a Acabe que, antes de iniciarem a guerra, consultassem a Deus a respeito. Acabe então reuniu quatrocentos profetas de Israel e lhes perguntou se deviam ou não deviam ir à guerra para recuperar a cidade perdida e todos à uma responderam: *“Sobe, porque o Senhor a entregará nas mãos do rei”*.

Mas Josafá não ficou tranquilo. Duvidou em seu coração que aqueles fossem profetas autorizados por Deus e, disposto a aclarar o caso, perguntou ansioso a Acabe: *“Não há aqui ainda algum profeta do Senhor para o consultarmos?”*. *“Há um ainda, por quem consultar ao Senhor, porém eu o aborreço, porque nunca profetiza de mim o que é bom, mas somente o que é mau. Este é Micaías, filho de Inlá”*, respondeu Acabe.

Esta resposta de Acabe, involuntariamente, demonstrou

O PRESTÍGIO DE MICAÍAS.

Como profeta, ele estava num grupo diferente dos outros profetas reunidos ali. Os outros, desejando ganhar os favores reais, eram meros aduladores do perverso e pecaminoso rei Acabe; não tinham a coragem de dizer a verdade, temendo sofrer as represálias do rei.

Micaías, pelo contrário, era fiel no desempenho da responsabilidade para a qual Deus o separara e buscava apenas a aprovação divina. Como representante do trono de Deus, nunca vacilava em dar fielmente sua mensagem perante o trono de Acabe. Nunca procurava ser agradável ao rei com palavras bajuladoras, nunca o animava com promessas ilusórias, nunca suavizava as admoestações de Deus com palavras de vã esperança a fim de acalmar seus temores.

Não é de estranhar, pois, que Acabe aborrecesse ao intransigente servo de Deus! O rei era dos que, no dizer de Isaías, diziam aos profetas: *“Não profetizeis para nós o que é reto; dizei-nos coisas aprazíveis, profetizai-nos ilusões”* (Isaías 30.10).

Quão solene é a advertência de Deus, através de Seu servo Jeremias: *“Aquele em quem está a Minha palavra, fale a Minha palavra com verdade”* (Jeremias 23.28). Os verdadeiros mensageiros de Deus acatam este mandamento imperativo. Esta é uma característica que os distingue dos *“falsos profetas”* que abundam em nossos dias, ensinando *“doutrinas de demônios”* e falando com hipocrisia mentiras (1ª Timóteo 4.1-2).

Micaías tinha esta característica. João Batista a ostentava (Marcos 6.16-18). E o apóstolo Paulo também a trazia: *“Jamais deixei de vos anunciar todo o desígnio de Deus... Visto que fomos aprovados por Deus a ponto de nos confiar Ele o Evangelho, assim falamos, não para que agrademos a homens e sim, a Deus que prova os nossos corações. A verdade é que nunca usamos de linguagem de bajulação... Deus é testemunha. Nós não estamos, como tantos outros, mercadejando a Palavra de Deus; antes, em Cristo é que falamos na presença de Deus, com sinceridade e da parte do próprio Deus”* (Atos 20.27; 1ª Tessalonicenses 2.4-5; 2ª Coríntios 2.17). Que cada jovem pregador que lê estas linhas veja a maneira como prega! Que carregue a marca de fidelidade que tão honrosamente carregou Micaías!

Com má vontade, Acabe acabou mandando trazer Micaías. E de onde o trouxe? Da cadeia! Da palavra *“devolvi-o”* (1º Reis 22.26) se deduz que o fiel servo de Deus estava na cadeia, o que nos permite vislumbrar

OS PADECIMENTOS DE MICAÍAS

nas mãos do rei apóstata de Israel. Apesar do trato injusto que recebia, não se desesperava, nem passava o tempo compadecendo-se de sua má sorte. Um homem de sua estirpe moral e espiritual aceitaria seu aprisionamento como uma honra concedida pelo Deus vivo, a Quem servia, sem reparar nas consequências de ser-Lhe fiel.

Deus jamais prometeu a Seus servos um céu azul sem nuvens, um caminho de flores sem espinhos, urna carreira brilhante sem perturbações. Antes, pelo contrário, quando Ele mandou a Seus servos: *“Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura”* (Marcos 16.15), sabia perfeitamente que estava enviando-os a um acampamento de inimigos hostis. Não devemos esquecer-nos que Ele também disse: *“Eis que Eu vos envio como cordeiros para o meio de lobos”* (Lucas 10.3).

O preço da fidelidade no serviço de Cristo é o sofrimento, mas o sofrimento acabará com glória. *“No mundo passais por aflições”*, disse o

Senhor a Seus discípulos, *“mas tende bom ânimo, Eu venci o mundo”* (João 16.33) e Seu embaixador mais destacado certa vez escreveu: *“Tenho por certo que os sofrimentos do tempo presente não são para comparar com a glória por vir a ser revelada em nós”* (Romanos 8.17).

Estas palavras sublimes têm iluminado com luz inefável o escuro calabouço de inúmeros santos encarcerados pela causa de Cristo, fazendo-os cantar de alegria em lugar de estarem chorando de angústia. Não foram somente Paulo e Silas que cantaram hinos a Deus no cárcere; a canção dos *“prisioneiros do Senhor”* nunca parou desde aquele dia até hoje e todos os que têm sofrido prisões por causa de Cristo sabem que, se sofrem com Ele, também serão glorificados com Ele (Romanos 8.17).

O mensageiro que foi despachado para trazer Micaías perante os reis aproveitou a oportunidade para comunicar-lhe o que tinham dito os quatrocentos profetas de Acabe e orientou-o a dizer o mesmo: *“Eis que as palavras dos profetas a uma voz predizem coisas boas para o rei; seja, pois, a tua palavra como a palavra de um deles e fala o que é bom”*. Que oportunidade Micaías teve para moderar as suas palavras e encobrir a desagradável verdade a fim de ganhar o favor do rei e conseguir sua liberdade! Mas este nobre homem jamais podia transigir com o erro e disse resolutamente: *“Tão certo como vive o Senhor, o que o Senhor me disser isso falarei”*.

Nem a insistência do oficial, nem o prognóstico dos profetas, nem a presença e a autoridade dos dois reis podiam afetar

O PRONUNCIAMENTO DE MICAÍAS.

Era um homem que não aceitava suborno; sua retidão era incorruptível; sua veracidade era inatacável; sua atitude era intransigente porque diariamente estava em contato com o trono de Deus e não se dobrava perante os tronos dos homens.

Como resposta à pergunta de Acabe: *“Iremos a Ramote-Gileade à peleja ou deixaremos de ir?”*, Micaías, com uma grande ironia, disse ao rei o que este queria ouvir, isto é, a mesma mensagem que lhe tinham dado os quatrocentos profetas: *“Sobe, porque o Senhor a entregará nas mãos do rei”*. Mas o sarcasmo do profeta não passou despercebido pelo rei, que exclamou: *“Quantas vezes te conjurei que não me fales senão a verdade em nome do Senhor?”*

Que homem mais hipócrita foi aquele rei! Tinha dado as costas a Deus e tinha recusado a palavra de Deus. Tinha perdido o direito de invocar o sagrado nome de Jeová. Acabe era como aquele sumo sacerdote que, tendo rejeitado o testemunho de Jesus em relação a Si mesmo, Lhe disse: *“Eu Te conjuro pelo Deus vivo que nos digas se Tu és o Cristo, o Filho de Deus”* (Mateus 26.63) e, depois de ouvir a resposta

afirmativa, O condenou à morte por ter dito a verdade. Os homens que, hipocritamente e insistentemente, têm rejeitado a verdade de Deus no dia do juízo terão que dar contas a Deus pela sua atitude!

Acabe tinha exigido a verdade, então Micaías lhe diz a verdade crua e nua: *“Vi todo o Israel disperso pelos montes, como ovelhas que não têm pastor; e disse o Senhor: Estes não têm dono; torne cada um em paz para a sua casa”*.

“A Palavra de Deus é viva e eficaz e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes” (Hebreus 4.12). Assim resultou ser a palavra de Deus dada ao rei pelo Seu fiel mensageiro Micaías. Ela penetrou na consciência intranquila daquele déspota degenerado, fazendo-lhe dizer a Josafá: *“Não te disse eu, que ele não profetiza a meu respeito o que é bom, mas somente o que é mau?”*

Que homem mais contraditório! Se a mensagem do profeta não era do seu agrado, devia culpar-se a si mesmo e não a Micaías, porque Deus nunca acomoda a Sua palavra ou os Seus propósitos para agradar a homens maus. O homem que insiste em rebelar-se contra a soberania de Deus perde todo o direito ao sustento de Deus e irremediavelmente terá que cair sob a sentença de Deus.

A PARÁBOLA DE MICAÍAS,

dada como uma advertência solene ao rei, não requer comentário; seu significado é como uma advertência solene ao rei e não requer comentário; seu significado e propósito estão bem claros: *“Ouve, pois, a palavra do Senhor: Vi o Senhor assentado no Seu trono e todo o exército do céu estava junto a Ele, à Sua direita e à Sua esquerda. Perguntou o Senhor: Quem enganará a Acabe, para que suba e caia em Ramote-Gileade? Um dizia desta maneira e outro de outra. Então saiu um espírito e se apresentou diante do Senhor e disse: Eu o enganarei. Perguntou-lhe o Senhor: Com quê? Respondeu ele: Sairei e serei espírito mentiroso na boca de todos os seus profetas. Disse o Senhor: Tu o enganarás e ainda prevalecerás; sai e faze-o assim. Eis que o Senhor pôs o espírito mentiroso na boca de todos estes teus profetas e o Senhor falou o que é mau contra ti”*.

Com a sua parábola Micaías disse ao rei, sem vacilar, que seus quatrocentos profetas eram, como se diz na linguagem popular, “um monte de mentirosos”, homens inspirados não por Deus, mas pelo diabo, a fim de conseguir sua completa destruição.

A frase *“o Senhor pôs espírito mentiroso na boca de todos os teus profetas”* não significa que Deus era o autor da mentira que levou Acabe à morte. Aqui rege o princípio que vemos em 2ª Tessalonicenses 2.9-12: *“Deus lhes manda a operação do erro para darem crédito à mentira, a fim*

de serem julgados todos quantos não deram crédito à verdade, antes, pelo contrário, deleitaram-se com a injustiça”.

Mas é interessante que aquele que dirá a referida mentira será “o iníquo”, aquele que agirá “segundo a eficácia de Satanás”. A mentira será inspirada por Satanás, o pai da mentira, mas será permitida por Deus para levar a cabo Seus propósitos de juízo sobre os que insistirem em rejeitar a verdade.

Acabe tinha endurecido tanto seu coração contra Deus e a Sua palavra que Este permitiu que fosse enganado pela mentira diabólica dos falsos profetas, a fim de que sobre ele caísse o juízo.

A PALAVRA DE MICAÍAS

logo trouxe sobre ele a repreensão de homens perversos e cruéis. Zedequias, o porta-voz dos profetas, o feriu no rosto, e disse-lhe: *“Por onde saiu de mim o Espírito do Senhor para falar a ti?”*

Micaías não tem sido o único servo de Deus a sofrer assim. Nosso Senhor padeceu da mesma maneira na presença do sumo sacerdote (Mateus 26.67), como também o apóstolo Paulo (Atos 23.2) e muitos outros santos de Deus através dos séculos da era cristã.

E se nós algum dia tivermos que sofrer semelhante humilhação pelo testemunho que dermos de nosso Senhor, tenhamos bem presente que Deus nos permitiu andar em boa companhia e que não há razão para ficarmos envergonhados: *“Se sofrer como cristão, não se envergonhe disso, antes glorifique a Deus com esse nome”* (1ª Pedro 4.16). Os únicos sofrimentos que estão incluídos dentro do círculo da bem-aventurança de Cristo são os que se impõem injustamente por Sua causa.

Quem sofre tais aflições está seguindo nos passos do Senhor e pode contar com Seu amparo e Sua ajuda. Os sofrimentos por amor a Cristo refinam e enobrecem o caráter do homem e nunca poderão rebaixá-lo. E então, com coragem inquebrantável e com toda a dignidade que convém a um servo de Deus, Micaías se manteve impoluto no meio dos que se rebaixaram para feri-lo em nome de Jeová (segundo eles).

Após tal afronta feita por Zedequias à nobre testemunha de Deus, o rei Acabe acrescentou uma ordem vingativa para aumentar seu sofrimento, após ouvir as palavras de Micaías: *“O Senhor falou o que é mau contra ti”* e o monarca gritou enfurecido a um oficial de sua corte: *“Tomai a Micaías e devolvei-o a Amom... e direis: Assim diz o rei: Metei este homem na casa do cárcere e angustiai-o com escassez de pão e de água, até que eu volte em paz”.*

Pobre Micaías! Ou melhor, pobre Acabe! Aquele dirigia-se à angústia e à aflição de uma prisão injusta, mas, sem dúvida, ia com o

coração tranquilo por ter cumprido com o seu dever e por ter defendido a honra de Deus; este dirigia-se à guerra atemorizado com o pressentimento de um desenlace fatal e depois iria à eterna prisão merecida para onde vão todos os que desprezam a Deus e à Sua Palavra.

Mas Micaías teve a última palavra: *“Se voltares em paz, não falou o Senhor, na verdade por mim. Ouvi isto, vós, todos os povos!”* Estas palavras deixam em evidência sua valentia. Que homem ousado foi Micaías! Que coragem sublime ele mostrou!

Ali esteve como o campeão de Deus, Seu único representante fiel, no meio da multidão de emissários de Satanás que fingiram ser profetas de Deus. Era ele quem dominava a situação. Não permaneceu na defensiva; tinha tomado a ofensiva e tinha levado a guerra ao território do adversário. Ele era o dono de sua alma e estava certo que, ou pela vida ou pela morte, Deus, o Deus de Israel, seria engrandecido nele.

E você, estimado leitor? E eu? Ficamos receosos diante dos adversários do Senhor? Somos infiéis em circunstâncias que requerem fidelidade a Deus? Calamo-nos quando outros apresentam evasivas sobre as verdades das Escrituras? Ou cedemos para agradar a maioria?

Consideremos o inflexível Micaías, meditemos em sua atuação tão nobre e peçamos a Deus que nos faça tão fiéis e valentes como ele em nosso testemunho perante o mundo pecador e incrédulo.

.oOo.